

Por enquanto, temos apenas um sopro de reativação; mas temos

Pedro Cafardo (*)

Amplia-se,
a cada dia,
um curioso
debate: uns
defendem e
outros con-
testam a te-
se de que
houve reativação da ativi-
dade econômica no primei-
ro trimestre. A esta altura,
tamanhas são as evidên-
cias desse crescimento da
atividade que o debate
mais útil talvez pudesse en-
focar a possibilidade de
manutenção da tendência
diante da atual política res-
tritiva do governo.

Ironicamente, contesta-
se a reativação com igual
énfase no Palácio do Pla-
nalto e no Palácio dos Bandeirantes. As duas partes
têm motivos para isso. Em
Brasília, a Secretaria do
Planejamento quer mos-
trar aos credores externos
que mantém a terapia re-
cessiva recomendada pelo
Fundo Monetário Interna-
cional (FMI). Qualquer
tendência de expansão da
economia poderia levantar
dúvidas sobre se os remé-
dios estariam sendo apli-
cados com rigor.

Em São Paulo, a admi-
nistração estadual
preocupa-se com a genera-
lização da idéia de que há
uma reativação da ativi-
dade. Isso poderia dar a im-
pressão de que o estado co-
meçou a arrecadar mais
recursos e, nesse caso, de-
veria cumprir com maior
presteza promessas sala-
riais feitas durante a cam-
panha eleitoral de 1982.

Mas pelo menos a admi-
nistração de São Paulo te-
ria argumentos de sobra
para rebater insinuações
sobre o aumento real da re-
ceita sem combater a tese
da reativação do primeiro
trimestre. Há claras evi-
dências de que o cresci-

do historicamente exporta-
da nas últimas duas déca-
das. Devido à queda violenta
do consumo interno verifi-
cada a partir de 1980, é
possível que essa relação
tenha sido um pouco altera-
da. Há cálculos segundo os
quais a indústria estaria
exportando hoje, aproxi-
madamente, 15% de sua
produção.

Mesmo admitindo-se o
nível de 10%, entretanto, os
efeitos do crescimento das
exportações de manufatu-
rados durante o primeiro
trimestre, pela sua dimen-
são, são necessariamente
grandes sobre o nível de
atividade industrial. Se a
indústria exporta 10% de
sua produção e se essa par-
cela cresce 50%, como
aconteceu em fevereiro, is-
so significa que a sua ativi-
dade se expandiu 5%.

Os que contestam a tese
de que houve reativação no
primeiro trimestre afir-

mam que o crescimento de-
corrente das exportações,
devido à pequena partici-
pação destas no produto,
pode ser facilmente anula-
do por pequena redução na
produção voltada para o se-
tor interno. Estão certos. O
produto perdido com uma
queda de 5% na produção
voltada para o mercado in-
terno, por exemplo, seria
quase suficiente para com-
pensar o ganho de produto
obtido com o crescimento
de 50% nas exportações.

E preciso saber, porém,
se houve efetivamente uma
queda de 5% na atividade
da indústria voltada para o
mercado interno no primei-
ro trimestre. Não é isso que
mostram os dados até ago-
ra disponíveis. O último
levantamento da Funda-
ção Instituto Brasileiro de
Geografia e Estatística
(FIBGE) sobre o nível de
produção física total da in-
dústria brasileira indica

um crescimento de 3,5%
em janeiro.

Os que consideram a
FIBGE pouco confiável po-
deriam analisar os dados
da Federação das Indús-
trias do Estado de São Pau-
lo (FIESP), sobre o nível
de emprego, e da Eletro-
paulo, sobre o consumo de
energia elétrica industrial.

Os levantamentos feitos
pela FIESP sobre a contra-
tação de mão-de-obra em
620 indústrias paulistas in-
dicam na mesma direção
dos dados da FIBGE. De 1º
de fevereiro à terceira se-
mana de março a indústria
de São Paulo já contratou
7.500 empregados. Nada
extravagante, é verdade,
para um parque industrial
que empregava 2 milhões
de pessoas em fins de 1980 e
dispensou mais de 450 mil
nos últimos três anos. Mas,
após esse longo período de
demissões continuadas, a
indústria paulista está fi-

nalmente absorvendo mão-
de-obra a um ritmo médio
de mil pessoas por semana.
Por que estranha razão es-
taria contratando pessoal
senão para ampliar a pro-
dução?

Além disso, por que es-
tranha razão estaria a in-
dústria consumindo mais
energia elétrica senão para
produzir mais? Não tem
fundamento o argumento
de que esse crescimento se
deve exclusivamente ao
processo de substituição do
consumo de derivados de
petróleo por energia elétri-
ca. Também é ridículo sus-
tentar que toda a expansão
do consumo de energia elé-
trica industrial verificada
no primeiro trimestre em
São Paulo (de 20,6%) se de-
ve ao crescimento da pro-
dução. A maior parte disso
decorre da substituição.
Mas, segundo estatísticas
da Eletropaulo, que ex-
cluem o consumo adicional

decorrente da substituição,
as indústrias paulistas gas-
taram neste primeiro tri-
mestre 8,6% mais energia
do que no primeiro tri-
mestre do ano passado.

Continuará a reativa-
ção? — esta é a pergunta
relevantes no momento. A
inflação e os juros conti-
nuam altos. Não há investi-
mentos e o governo man-
tém a firme disposição de
adotar políticas monetá-
rias e creditícias restritivas,
como prometeu ao
FMI. Além disso, não há
garantias de que o ritmo
frenético das exportações
de manufaturados do pri-
meiro trimestre poderá ser
mantido.

E muito cedo, enfim, pa-
ra saber se a economia con-
tinuará a crescer nos próxi-
mos meses. Por enquanto,
temos apenas um sopro de
reativação. Mas só não o
sente quem não quer.

(*) Editor deste jornal.

mento da produção indus-
trial nos primeiros meses
deste ano foi fruto quase
exclusivo das exportações
de manufaturados.

As vendas externas de
manufaturados cresceram
50% em fevereiro e 40% em
março, se comparadas
com as de fevereiro e mar-
ço do ano passado. Esse
crescimento é certamente
o fato mais relevante da
reativação industrial. Apesar
das 10% da produção da in-
dústria brasileira vem sen-